Entre Coimbra e o mundo

Autor(es): Gomes, Paulo Varela
Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura
URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/37435](http://hdl.handle.net/10316.2/37435)
DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_4](http://dx.doi.org/10.14195/0874-6168_2_4)
Accessed : 26-Apr-2023 14:21:18

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

ecdj

2

fcuc | departamento de arquitectura

10 anos de arquitectura no colégio das artes

construir uma escola

tape

encontros de tomar 4

alexandre alves costa vs gonçalo byrne

paulo mendes da rocha

março 2000

[entre coimbra e o mundo]

paulo varela gomes

- > Dos textos que conheço presentes a este Encontro, um - do arq. Jorge Figueira - enuncia alguns problemas gerais relativos à definição de uma escola de arquitectura no mundo de hoje. Outro - do arq. Mário Krüger - traça com precisão aquele que concordo ser o percurso concreto possível deste Departamento cujo único futuro aceitável é ser Faculdade.
- > As minhas questões são de outra ordem: vou enunciar algumas das dificuldades e perspectivas que penso colocarem-se hoje aos profissionais da área da arquitectura e àqueles a quem o construído ou o projectado interessam por razões culturais.
- > Começo por passar imediatamente por cima da questão das novas tecnologias, dizendo apenas que o estafado da frase e o "hype" que costuma suscitar não podem servir de desculpa para se não levar o desafio inteiramente a sério especialmente nos aspectos em que a tecnologia contém em si novas formas e novas possibilidades programáticas.
- > Passo também ao lado de programas novos (e não já tão novos) que surgem aqui e ali indiciando presentes-futuros possíveis: tipologias de habitação para casais sem filhos, hetero ou homossexuais, para mães e pais solteiros, para pessoas que preferem viver sós, para associações de famílias em espécies de "casas comunais" sem comunismo, tipologias para habitação temporária que não são hotéis nem lares de estudantes, habitação para idosos, complexos mega-estruturais de características comerciais ou outras que o mercado constrói e as escolas de arquitectura estupidamente ignoram, serviços e equipamentos de serviço a vias e nódulos de comunicação, *theme parks*, condomínios mais ou menos fechados (e que talvez não precisassem de ser tão fechados).
- > Não quero aqui tão pouco referir-me à necessidade e ao problema de "construir no construído" que é boa parte do futuro que cabe em sorte a qualquer arquitecto europeu.
- > Nem à flutuação e incerteza que estão hoje no cerne das ideologias arquitectónicas e dos "ismos" instantâneos do presente. E no cerne também do estatuto profissional dos arquitectos e da sua pertença a qualquer território histórico e geográfico precisos, num mundo de arquitectos nómadas e paisagens nomadizadas (e também normalizadas, valha a verdade, pelo menos até certo ponto).
- > Também não quero senão chamar brevemente a atenção para o fim anunciado do projectista-artista da herança romântica e para a emergência do projectista de equipa, anónimo ou "star" - neste caso apesar da equipa (mas graças a ela).
- > A questão que me interessa discutir é aquela que mais indiscutida tem sido na cultura arquitectónica portuguesa, porque mais indiscutível: é a questão do desenho, do primado do desenho, da ética do desenho, do desenho "do puxador de porta à cidade". Esforçar-me-ei por dar a entender que nesta questão englobo aspectos de todas as outras que enunciei ainda agora.
- > Numa formulação que os estudantes da cadeira de História da Arquitectura Contemporânea orientada por mim compreenderão muito bem, creio que é necessário hoje dizer, como dizia o Corbu: "**não desenharmos**". Creio que é igualmente preciso coírbimo-nos de aceitar o que o Corbu disse a seguir: "**...mas ver de repente o projecto no cérebro**".

(ou coisa assim). Penso que é mais apropriada a resistência de Adolf Loos ao desenho, a sua desconfiança tenaz em relação à “arte”, a sua tendência para projectar-em-obra como “pedreiro que aprendeu Latim”.

- > Seria pura e simplesmente estúpido se estivesse a sugerir - ou a pensar que Loos sugeria - que se pode projectar ou construir sem desenho. O que quero dizer é que projecto e construção não podem ser limitados à ordem de conhecimento do desenho, não devem ser resolúveis apenas através do desenho.
- > Especialmente porque o desenho - e aqui é que bate um dos pontos - já não é (hoje) desenho: é maneira de fazer imagens a pensar em imagens. O desenho não é investigação ou reflexão no momento histórico em que estamos. Desenha-se sobre traços já desenhados, virtuais decalques de fotografias, inevitáveis maneirismos e tiques.
- > O desenho não levanta problemas que não tenham sido já levantados, é evidente e sempre foi assim. Mais grave é que já não descobre soluções que não sejam as soluções dominantes: dominantes nas escolas, em primeiro lugar, dominantes fora delas depois (no mercado, no jogo com o poder).
- > Para citar uma ideia que se vem tornando banal, a arquitectura tem sido transformada num aparelho mediático produtor de imagens e o arquitecto cada vez é menos um operador de conhecimento e cada vez é mais um operador de câmara, um projector e não um projectista.
- > A banalidade da ideia talvez possa ser relativizada se eu disser onde a vi formulada pela última vez: foi num texto de um dos animadores do *International Forum of Young Architects*, uma “rede” mundial sui-generis de arquitectos quase recém-formados.
- > São estes jovens arquitectos que acusam muita da arquitectura contemporânea de se fazer e se exhibir á custa do apagamento da experiência e da sensação, de negar a realidade e os contextos, de servir como anestesiante e como euforizante, uma espécie de Prozac-arquitectura. Esta analogia química é minha, mas as palavras seguintes são outra vez deles: “Hoje a imagem da arquitectura é body-buildada, depilada, cheia de silicone”.
- > O autor deste texto - que não é grande coisa mas é melhor que a coisa nenhuma técnico-“poética” a que se reduziu grande parte do discurso arquitectónico entre nós - o autor deste texto, dizia, liga a crítica geral (social, cultural) à crítica formal. E é assim que deve ser, penso eu. É preciso que se veja o que se quer dizer.
- > Ele refere-se naturalmente a esses contentores vazios e lustrosos que são os monumentos acomodados da arquitectura de prestígio e do *star-system* governamental e camarário. Eu diria quase o mesmo do minimalismo elegante de onde todo o fulgor heróico se apagou e que não é mais que uma linguagem velha cuja impopularidade não serve já de caução ética - é apenas inútil (a não ser para as revistas).
- > O desenho é hoje em dia o *medium* destas coisas, a linguagem pela qual se dizem e se fazem.
- > Penso que o desenho, hoje, exclui: exclui, em primeiro lugar, as hipóteses de pensar outras coisas, exclui outras arquitecturas, exclui o que foi desenhado de outra maneira e aquilo

que jamais foi desenhado. O desenho é, hoje, o grande normalizador.

- > Exclui, seguidamente, a reflexão arquitectónica sobre tudo aquilo que está a montante a a juzante da arquitectura: a sociedade, a sua vida real, os humanos e a sua imperfeição, o uso e a experiência do uso.
- > Exclui, depois, dentro da própria profissão, dos seus saberes e manhas, metade da espécie humana: as mulheres. Que escolas de arquitectura em Portugal já se perguntaram porque diabo há tão poucas mulheres arquitectas "de sucesso", tão poucas *stars* mulheres, tão poucas mulheres assistentes e professoras de projecto, apesar das mulheres estarem nas escolas de arquitectura há mais de um século e de, durante este século, milhares e milhares de mulheres terem exercido a profissão de arquitectas? Creio que tenho uma resposta parcial e tentativa para isto: é porque as mulheres não pensam um projecto com a ambição globalizante e despreocupada do pormenor que o desenho suscita, permite e exprime. Creio que é porque, entre o "puxador de porta e a cidade", as mulheres não sabem, não podem, não querem, estabelecer uma continuidade que é da ordem do totalitarismo do desenho.
- > O desenho exclui ainda, a meu ver, a memória. É sempre novo, sempre da aurora do mundo e das tabulas rasas das vanguardas - quando a memória, como no promontório de Sagres por exemplo, precisaria antes de silêncio e ausência de desenho.
- > Talvez me engane, mas vejo de um lado o desenho, e do outro a poeira do tijolo, as lascas que se soltam da pedra, os nós da madeira, a ferrugem do ferro, as rachas do vidro, o enrugado do reboco antigo, a pele húmida ou ressequida das telhas, o perfil sedoso do alumínio, os pequenos erros de acerto dos azulejos, os veios do betão ao sol, o brilho do plástico, a seriedade do aço.
- > E vejo também a irregularidade das ruas desenhadas pela vida, os acrescentos feios nas sacadas, os anúncios sobre as lojas, a tralha indomável do mobiliário urbano que toda a gente e ninguém desenhou, os terrenos vazios, as entradas das estações de serviço, as máquinas de jogos encostadas de qualquer maneira aos balcões de bar feitos em série, as terras de ninguém entre conglomerados de construções.
- > Já uma vez em Portugal se pediu e se impôs a suspensão do desenho. Foi no Porto nos anos imediatamente anteriores ao 25 de Abril. Mas uma tal suspensão ocorreu por desconfiança em relação à cumplicidade da arquitectura com o poder. Mal o poder caiu na rua, o desenho voltou a ser legítimo.
- > A questão, penso eu, não é de cumplicidades, ou seja, não é de guerra e de oposições a preto e branco. A questão é de atenção à realidade. Não para os projectistas se demitirem perante a realidade dominante - afinal é isso que faz o desenho fingindo que não o faz ao traçar-se com as memórias de tempos heróicos ou a pretensão da tecnologia. Mas para os projectistas poderem compreender a realidade naquilo que ela escapa ao saber de escola e tem mais que ver com os humanos, os seus corpos, as suas emoções, a cidade em que vivem.
- > Um colega arquitecto aqui do Departamento diz-me às vezes que ainda não se inventou

uma ética que substitua a do modernismo. Mas talvez se tenha inventado afinal uma: a do modernismo revisto em realismo dos Smithsons, do Corbu de Ronchamps, do primeiro Stirling, de Van Eick, dos catalães, dos portugueses que me dispense de nomear porque alguns estão aqui. Era uma ética do possível - mas nunca foi uma falta de ética, nunca foi o primado do "realismo", antes o da realidade. Dessa ética, como de todas, resultaram erros, alguns trágicos. Mas nunca resultou indiferença e desamor do mundo.

- > Perante o óbvio fracasso inútil da literatura e das artes plásticas em fazer-nos pensar no mundo hoje em dia, talvez valha a pena olhar para o cinema e o vídeo e dizer que, perdidos no tempo os "Verdes Anos", sem saída o erotismo superficial e mundano de "Adão e Eva", é se calhar preciso olhar para o duro exemplo dos "Mutantes", para a paisagem africana do "Fogo", para os vídeos de Edgar Pêra.
- > E inventar uma ética da arquitectura para o próximo século que seja elitista às vezes, distante quanto baste, comprometida sempre, e engajada, mas também profissional e perfeccionista, sabedora tecnicamente, culta de muitos saberes - algures entre o profissionalismo do Alberti invocado pelo arq. Krüger e a mundivisão humanista vitruviana. Uma arquitectura dura, sem dúvida, mas aberta a ouvir, pronta a ser táctil e corporal, disponível para a multiplicidade urbana, inteligente sem arrogância - ou seja, crítica.
- > Contra a duvidosa ética do *star system* e da luta sem piedade pela encomenda, é preciso reinventar - com outro nome e outros propósitos - a vontade de "fazer bem" tanto dos modernistas como dos "neo-realistas".
- > Não porque os arquitectos possam mudar o mundo mas porque devem ajudar-nos a reflectir sobre ele e a desmontar as suas primeiras evidências.
- > Não porque os arquitectos se devam situar à margem do mundo mas porque devem ser operadores das pequenas diferenças e da suspensão crítica das evidências.
- > Não, finalmente, porque os arquitectos devam encostar-se ao honroso passado do seu ofício, mas porque, construindo, estão por natureza a experimentar constantemente o futuro.
- > E de que escola precisamos para isto?
- > Creio que, antes de mais, precisamos de uma escola que não deixe o desenho em paz, sózinho no centro das coisas. Ou seja, precisamos de uma escola onde haja efectiva inter-relação de saberes e capacidades, uma escola na qual deixe de haver "disciplinas auxiliares do projecto", tais como o planeamento, o desenho, a história, a antropologia, a teoria, e passe a haver projecto integrativo, projecto que se faz não apenas no estirador mas também na sala de conferências, na visita de estudo, na palestra, no debate.
- > Com isto estarão todos de acordo. Mas como se pratica este acordo?
- > Vou dar um exemplo da minha prática profissional de historiador - mas um exemplo distorcido porque aplicado a uma obra da qual ainda é cedo para se fazer história (talvez).
- > Suponhamos que tenho que escrever daí a dez anos sobre a obra da pousada instalada no convento do Bouro. Descrevo-a, discuto-a do ponto de vista formal, tipológico. Aproximo-a de outras do mesmo género. Comparo-a com outras pousadas, por exemplo. Integro as

suas formas e opções em correntes portuguesas e internacionais. Disponibilizo-a em desenho, publicando-lhe as imagens e as imagens de outras obras, estudando-lhe as regras de distribuição. Leio o que o projectista escreveu sobre a obra e o que outros foram levados a escrever. Ao observar que os corpos conventuais não foram providos de telhado, por exemplo, sou forçado a perguntar porque é que isso sucedeu assim. Nos textos do projectista encontro respostas elípticas, curtas e até enigmáticas. Noutros textos vejo referências a polémicas sobre a questão do "património". Leio também esses autores e diatribes. Pouco a pouco, é toda a cultura do final do século XX que é convocada pela obra do Bouro e percebo que a pedra, o ferro, o vidro estão carregados de muito mais que formas e usos e suscitam muito mais que comparações.

> Pergunto agora:

> Em que ponto deste percurso investigativo em volta do Bouro passei da "história da arquitectura" para a "história da cultura"? Em que ponto me afastei da história como "disciplina auxiliar do projecto"? A que altura deixei de ser "útil" a candidatos a arquitectos sentados aos seus estiradores?

> Respondo: nunca.

> Estive sempre, ao comparar formas, ao analisar desenhos, ao ler textos filosóficos, ao discutir ideias, estive sempre na área de projecto, ou seja, na área da arquitectura. Porque sempre estive do lado da obra, da sua materialidade, da sua existência, do modo como afectou e continua a afectar tanto os corpos como as consciências.

> Dir-me-ão que é raro uma obra convocar tantas hipóteses abertas e tantas linhas de reflexão.

> Mas o que é preciso que uma escola faça - que esta escola faça - é dar origem, não obrigatoriamente a obras deste calibre, mas a projectistas que pensem qualquer obra através desta amplitude, deste desejo de saber e de fazer.

> Uma escola altamente especializada em áreas de pós-graduação, integrativa de saberes, crítica dos formalismos e das auto-suficiências, viajante e curiosa, assente no rigor e no debate não apenas entre arquitectos e destes com a arquitectura mas da arquitectura com tudo o resto. Uma escola capaz de ouvir filósofos, sociólogos, cineastas, músicos, jornalistas, políticos e de os pôr a conversar uns com os outros. Uma escola capaz de publicar tanto um projecto como um texto filosófico, tanto imagens de arquitectura como imagens de video, capaz da mais rigorosa investigação teórica e histórica e da mais provocatória emissão de manifestos.

> Uma escola integrativa e não de exclusão, menos preocupada com a coerência formal do que com a vontade de criticar todas as coerências - sem que isso alguma vez signifique o laxismo, a falta de rigor e a falta de tarimba. Sem rigor, sem tarimba, sem anos de experiência, não há arquitectura.

> Uma escola onde o desenho apareça desde logo carregado com o peso de muitas coisas e não apenas leve com o saber fazer automatizado.

> Uma escola não entre Lisboa e Porto mas entre Coimbra e o mundo.